A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — *Affonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 30 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 200 » Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 1$200 » Numero avulso ..... 40 »	N.º 2 Outubro de 1885	Toda a correspondencia deve ser dirigida aos editores Brito Nogueira & Dias Coelho, Imprensa Nacional, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

O NOSSO RENASCIMENTO

I

A hora a que este numero da nossa revista vae correr mundo soam ainda, como um echo sympathico, as ultimas notas d'essas inebriantes e commovedoras ovações com que um povo inteiro quiz compensar o esforço heroico de dois grandes homens, em honra da civilisação e da sciencia. Dentro de pouco, de todo o alvoroço que despertaram ficará apenas a lembrança, e cada um de nós voltará de novo á sua vida de apathia, de trabalho ou de indifferença, segundo o que mais se coadunar com os nossos habitos ou com as nossas paixões. Todo esse enorme fluxo de enthusiasmo e de seiva, que um momento nos percorreu o sangue e conseguiu estugar as palpitações, de ordinario tão serenas, do coração portuguez, ha de portanto aquietar-se e passar, como um facto anormal que não póde durar sempre. A nossa lingua tem mesmo um dictado muito caracteristico e muito eloquente, que é de uso citar em taes occasiões: — «acabada a festa desarma-se a igreja».

Mas visto que tomado o pulso a este organismo, que dá na historia pelo nome de Portugal, elle nos provou de um modo tão frisante que ainda vivia, e da melhor de todas as vidas — a vida do coração e a vida da intelligencia, — visto que em presença d'esses dois distinctos concidadãos, e do seu trabalho, elle soube adoptar a linha erecta e digna que lhe convinha, e mostrou identificar-se com a obra gloriosa que os dois benemeritos officiaes realisaram, avaliando e applaudindo, como devia, o serviço por elles prestado ao nome do paiz de que são filhos, á religião da humanidade de que são crentes, e á elevação da sciencia de que são apostolos; — visto que elle assim soube proceder tão brilhante e tão patrioticamente — é justo que *apesar de acabada a festa, não desarme a igreja,* e que precisamente agora aproveite o ensejo para acordar de vez, e lançar-se resoluto e firme no caminho do trabalho e do progresso, que é para elle o caminho da propria existencia e da propria honra, porque nunca como agora foi tão verdadeira a celebre e muito citada phrase — parar é morrer, e por isso nunca como agora todos quantos nos orgulhâmos de ser filhos d'esta terra que Camões cantou, tivemos mais obrigação de affirmar em todos os campos a nossa energia e a nossa actividade.

Depois, se já hoje ninguem ousa contestar a dura e rigorosa verdade que se encerra n'essa lei de bronze que Darwin formulou e que antes muitos tinham esboçado, — a qual consiste na lucta pela vida é na selecção natural que faz triumphar o mais forte e o melhor provido, — nós não podemos, sob pena de commetter o maior de todos os crimes, — o crime de suicidio, — cruzar os braços e ficar n'uma doce anagogia beata, n'uma esteril egolatria soberba, n'uma triste admiração vaidosa de nós mesmos ou dos nossos maiores, emquanto os outros povos vão avançando sempre e procuram avidamente o seu logar ao sol...

Temos feito muito, é certo, e só poderiam negal-o espiritos facciosos ou myopes, mas precisâmos ainda fazer immenso, e tambem o mais optimista não saberá contestal-o. Levantam-se diante de nós, esperando uma solução, complexos e variadissimos problemas, que não podemos procrastinar por mais tempo, e alguns solicitam mesmo mais do que a nossa attenção, reclamam sacrificio e esforço, urgindo que os estudemos com a imperturbabilidade, com a reflexão e com o desassombro que dá a sciencia.

E como felizmente já todos nos vamos hoje compenetrando de que a melhor de todas as politicas a proseguir é a politica que, prégando uma tolerancia illimitada, sabe ao mesmo tempo, por uma justa equiponderação de todos os interesses, annullar e destruir todas as resistencias e encaminhar serenamente o espirito publico pela linha superior da verdade, esses problemas podem e devem ser indistinctamente esclarecidos por todas as escolas, porque todas ellas representam certamente alguma face dos multiplices principios que modernamente agitam a consciencia humana. Basta apenas que sejam sinceras para serem uteis, e ninguem nobremente intencionado poderá desprezar o contingente de experiencia, de observação ou de estudo, que para a discussão traga quem quer que for e venha d'onde vier. Esta é mesmo uma das mais puras glorias da nossa epocha, que já perdeu felizmente aquelle feroz caracter auctoritario e despotico que sagrára a intolerancia como um dogma inatacavel, e que punia com o martyrio ou com a ignominia a menor rebellião do pensamento, o mais anodyno protesto da rasão. Agora

a civilisação é um campo aberto e amigo onde fraternisam todos, e onde só mais vale aquelle que mais produz. Ouvem-se ainda a distancia os ultimos rugidos de todas as más paixões, de todos os barbaros instinctos que ha no fundo do animal humano, e por vezes, em um ou outro ponto, alguem tenta abrir um parenthesis sombrio n'esta incessante ascensão para a luz e para a concordia; mas uma onda mais forte abafa esses rugidos e a humanidade prosegue na sua marcha triumphal e sagrada.

Pois se isto é assim, se ninguem ousará contrapor um argumento de valia a quanto levâmos dito, porque elle caírá cerce, destruido pela evidencia dos factos, congreguemo-nos todos sem distincção de lemma ou de bandeira, e elucidemos com a applicação do nosso criterio, da nossa boa vontade e da nossa dedicação, esses mil problemas a que alludimos, e que envolvem alguns tudo quanto ha de mais bello na historia da civilisação humana.

Pela nossa parte é o que tentaremos fazer; e este artigo, introducção de uma serie de estudos que vamos escrever, provará que é com a mais inteira e a mais sincera boa fé que procuraremos nortear todas as considerações que fizermos, ás quaes ambicionaremos levar a imparcialidade, sempre tão precisa e tão indispensavel quando se pretende chegar a conclusões proveitosas e serias.

AFFONSO VARGAS.

A IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

(Continuado)

Feita a transferencia para a nova sé em 21 de outubro, começaram logo as obras para a imprensa da Universidade; e ao mesmo tempo não se descuidava o marquez de Pombal de ir providenciando no regimen interno da officina.

Para a construcção do edificio da imprensa julgou conveniente o reitor D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho fazer demolir a torre da antiga sé, que ficava na extremidade do claustro, do lado da Universidade, e cujos fundamentos ainda hoje póde ver quem entrar dentro do edificio da imprensa.

E a fim de tornar ainda mais amplo esse edificio, ficando com casas para todas as necessarias applicações, foram annexadas á Universidade as edificações feitas no claustro da antiga sé, por meio de se supprimir uma pequena e estreita rua, que ía da rua do Norte em direcção ao collegio de Santa Rita, vulgarmente chamado collegio dos Grillos. Das proprias obras saíu o entulho para a suppressão da rua, e se firmou sobre a penha uma grande muralha, collocada para o lado da Universidade.

Apesar das maiores diligencias empregadas e comquanto já a nova officina typographica da Universidade funccionasse em 1773, ainda não tinha o sufficiente desenvolvimento para imprimir todos os livros que deviam servir no anno lectivo de 1773-1774.

Em officio de 21 de outubro de 1773 expediu o marquez de Pombal ao reitor da Universidade um officio, em que lhe participava que haviam sido remettidos para a Figueira varios balotes e caixotes de livros, impressos em Lisboa na typographia regia, e que constavam de uma nota inclusa do director geral da referida typographia, Nicolau Pagliarini.

Dos mencionados balotes e caixotes devia o reitor da Universidade mandar fazer a conducção da Figueira para Coimbra por pessoa de intelligencia e zêlo, a fim de chegarem ao seu destino com todo o resguardo e segurança.

Segundo se via do referido officio ainda na typographia regia se ficavam fazendo outras impressões para a Universidade.

Tratava o marquez de Pombal de engrandecer por todos os meios a nova imprensa da Universidade; para o que, por alvará passado por el-rei D. José no paço de Nossa Senhora da Ajuda em 16 de dezembro de 1773, se transferiu para a Universidade o privilegio exclusivo para as impressões dos *livros classicos dos estudos mathematicos;* por haver cessado o fim com que antes fôra concedido ao collegio real dos Nobres.

E igualmente por alvará da mesma data e logar fez el-rei D. José mercê á Universidade de Coimbra do privilegio exclusivo para a impressão das *Ordenações do reino,* que antes havia concedido ao real mosteiro de S. Vicente de Fóra, e que ficou cessando pela extincção do mesmo mosteiro.

Logo em 1773 foi nomeado administrador da imprensa da Universidade Bernardo Correia de Azevedo Morato.

O primeiro abridor de buril das estampas, que teve a imprensa depois da reforma, foi Joaquim José da Silva Nogueira, o qual veiu a fallecer em 1817, sendo então nomeado para o substituir José Joaquim de Miranda. Existem na mesma imprensa numerosas gravuras em cobre feitas pelo dito Nogueira, as quaes attestam o merito d'este artista, que alem de gravador era tambem habil pintor, de que póde dar testemunho o retrato do marquez de Pombal por elle feito, e que se acha exposto na grande sala das *conferencias* da imprensa da Universidade.

O marquez de Pombal não se esquecia de diligenciar que se levasse á sua conclusão a imprensa. Em 30 de junho de 1774 dizia elle textualmente o seguinte ao reitor da Universidade, em officio datado do sitio de Nossa Senhora da Ajuda:—«Pelo que respeita ao edificio da imprensa achei muito bem ponderadas todas as considerações com que v. ex.ª o tem promovido e adiantado. E devo recommendar a v. ex.ª o muito que é necessario que este grande edificio se complete; não só para que n'essa magnifica Universidade haja uma typographia, que dignamente lhe corresponda; mas que ella em si fique segura e defendida d'aquelles perigos a que estão sujeitos os edificios grandes, pela contiguidade de pequenos e insignificantes edificios particulares».

E não contente o marquez de Pombal de recommendar ao reitor da Universidade a breve conclusão do edificio, tratava de desenvolver em a nova imprensa o trabalho typographico, para o que dava ordens terminantes para cessar na typographia regia de Lisboa a impressão de todas as obras que por conta da Universidade ahi se tinham mandado imprimir. A energia das ordens do marquez a este respeito conhece-se de um extenso e curioso officio, que em data de 23 de março de 1775 lhe dirigia em resposta o director geral da typographia regia, Nicolau Pagliarini.

Comquanto o nosso intento n'este resumido artigo

não seja senão indicar as diligencias que o marquez de Pombal fez para fundar e engrandecer a imprensa da Universidade, sempre acrescentaremos que no seguinte reinado de D. Maria I foi por alvará de 9 de janeiro de 1790, referendado pelo ministro do reino José de Seabra da Silva, approvado o regimento para a mesma imprensa.

Para dar cumprimento ás disposições do dito regimento tratou o principal Castro, reitor da Universidade, de nomear os empregados, que deviam compor o governo d'aquelle estabelecimento typographico.

O dr. José Fernandes Alvares Fortuna, professor de grego, que tinha sido nomeado interinamente revisor em 1 de agosto de 1788, foi confirmado na propriedade do dito emprego em 21 de maio de 1790; João Antonio Bezerra de Lima, professor de grammatica latina, foi nomeado director em 26 do mesmo mez de maio; e em 9 de junho immediato foi nomeado administrador da imprensa o mercador de livros, Antonio Barneoud. JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

(Continua)

Os seguintes versos escreveu-os o eminente poeta das *Odes modernas*, para a lapide tumular da irmã de um outro poeta distincto, Joaquim de Araujo, e cremos que os leitores nos agradecerão dar-lhes a conhecer uma tão bella joia.

Feliz de quem passou por entre a mágua
E as paixões da vida tempestuosa,
Inconsciente como passa a rosa,
E leve como a sombra sobre a agua...

Era-te a vida um sonho indefinido,
Ethereo, mas suave e transparente...
Acordaste... sorriste... e de repente,
Continuaste o somno interrompido!...

ANTHERO DE QUENTAL.

HISTORIA DE UM MARÇANO

(Continuado)

O Thomé nem tinha tempo de responder a tantas invectivas juntas, e com o chapéu braguez nas mãos, a cabeça pendida, e todo inteiriçado de frio, lá foi mastigando uns monosyllabos meio intelligiveis, que não tinha fome, que o pae enganára-se, que lhe trazia ali aquelle cesto e lhe fizesse o favor de ensinar-lhe onde havia de entregar uma carta que lhe tinham dado. E com as lagrimas a caírem-lhe e querendo sorrir-se, o Thomé tinha tentações íntimas de deitar a fugir para casa, já com saudades, até dos cachações com que a miudo o regalava o pae, homem obtuso, de uma ignorancia crassa, mas esperto para o negocio, segundo lá diziam, e sobretudo com um grande senso pratico da vida.

Este homem, embora fosse um pequeno lavrador e um pequeno proprietario, podia certamente dar ao Thomé uma tal ou qual educação ou pelo menos não o mandar para Lisboa, sujeito aos encontrões do destino e ao egoismo dos patrões; mas nem elle percebia lá muito bem o que era toda essa ordem de sentimentos que um pae experimenta por um filho, mercê da estupidez em que o tinham deixado, a elle e aos que já haviam vindo antes d'elle, nem, segundo a sua propria confissão, atinava com a vantagem «d'esta leria de *botar* um rapaz aos livros para ir aprender, não sabia quê». Por si *mal*'os seus nunca souberam ler, e no emtanto sempre se tinham arranjado com a ajuda de Nosso Senhor Jesus Christo e de bons braços, e nunca por isso o negocio ou o amanho das terras corrêra peior.

É verdade que elle ouvia dizer que os livros ensinavam muita cousa, e pelos modos, mesmo n'isso de agricultar e mondar, davam a sua novidade, —segundo lhe estivera a enzoinar um doutor que residíra na terra —, mas cantigas, historias, sempre se haviam de semeiar batatas da mesma maneira, costumava dizer triumphante, e dava um doce se alguem, lá pelo que vinha nos papeis, fosse capaz de ter um milharal melhor que o seu.

E com a logica estreita e rude dos ignorantes, e a tenacidade selvagem d'aquelles que uma longa hereditariedade bestialisou por completo, a tudo quanto quizessem demonstrar-lhe, respondia invariavelmente, —historias, parola— e d'ahi não saía.

De resto o pae do Thomé, que era muito temente a Deus, embora, como não podia deixar de ser, a religião para elle fosse apenas um fetichismo grosseiro, não tinha ambição maior do que supplantar o compadre, mais rico e mais considerado, e se não fazia mal tambem não era citado como exemplo de bondade—cousa igualmente natural.

Tinha mesmo um egoismo interesseiro, que não disfarçava, e, desde a mulher até á filha de sete annos, em casa tudo trabalhava para augmentar o monte, como dizia. Foi ainda por uma questão de egoismo que, ouvindo que em Lisboa os rapazes ganhavam dinheiro a servir nas lojas, chegando alguns a fazer fortuna, elle, com a mira em arredondar a propriedade com os lucros do filho, tratou, por intervenção de um parente a quem chamava o doutor da familia, de o enviar para a capital, recommendando-lhe que lhe mandasse tudo, e, como para o consolar, acrescentára —que cá ficava depois para elle.

E não descansou emquanto o tal parente não tratou de arranjar collocação ao rapaz. A final o parente limitou-se a escrever ao Leão, e a pedido do pae, uma outra carta a um patricio que aqui conhecia, para que vigiasse o Thomé, e, sobretudo, tomasse conta n'elle, não lhe saísse o rapaz algum extravagante como, pelo que lhe contavam, succedia aos rapazes em Lisboa.

Era essa a carta que o Thomé trouxera, alem do cesto que a boa da mãe, um pouco mais generosa que o marido e com a larga intuição das mães, enchêra de diversas cousas, fructas, queijos, e que era emfim, um presente á pessoa para casa de quem viesse o filho, como a dispôl-a em seu favor e servir-lhe de recommendação.

Já se viu que o presenteado fôra o sr. Leão, que estando ao que parece muito habituado a estes emolumentos, nem por isso fez grande caso d'este.

Entretanto, quando lhe abrandou a colera de que estava tomado, sempre se dignou attentar no Thomé, a quem dirigiu a palavra:

—Com que então és de Ermezinde? Porque não te mandaram antes para o Porto? (Continúa)

GUIA DO SPORTMAN OU TRATADO DO ADHERENÇO E DAS CORRIDAS DE CAVALLOS

SEGUNDO OS MODERNOS TRABALHOS DE GUYOT

Hoje que as corridas de cavallos, promovidas pela sociedade promotora do apuramento das raças cavallares, e a coudelaria arabe estabelecida na Quinta Regional de Cintra vão pouco a pouco contribuindo para uma futura regeneração da producção hippica do paiz, tornam-se de quasi absoluta necessidade algumas obras tendentes a fornecer ao *sportman* e ao *trainner*, indicações seguras e que, pela maior parte, têem sido totalmente desprezadas.

Pertencente a uma corporação que tende, não só ao melhoramento da agricultura do paiz, mas tambem ao aperfeiçoamento da sua producção hippica, resolvi colligir os meus estudos sobre este ultimo ponto em uma serie de artigos, em que estão compendiados todos os preceitos, todas as indicações, que um creador perfeito deve seguir na escolha e adherenço dos seus cavallos, quer elles sejam destinados ás corridas de velocidade ou de fundo, ao trote, ou ao serviço de tiro.

Oxalá estes modestos artigos consigam interessar e fazer saír do estado de apathia em que se acham pela maior parte, aquelles que ainda não comprehenderam o valor e os lucros da industria hippica.

INTRODUCÇÃO

O fim unico que presidiu ao estabelecimento das corridas em Inglaterra, foi a creação, o aperfeiçoamento e a conservação de um typo superior, que reproduzindo-se e sendo judiciosamente applicado ao melhoramento das raças usuaes, contribuisse para melhoral-as, apropriando-as ás exigencias da epocha.

Tão elevado fim, proseguido com habilidade reflectida e tenaz perseverança, deu magnificos resultados. Este primeiro periodo durou mais de duzentos annos, e deu á industria hippica ingleza uma superioridade incontestavel, universalmente reconhecida, e um grande numero de nações tentou attingir o mesmo grau de prosperidade. Os resultados foram bem pouco satisfactorios.

Emquanto todos os paizes procuravam melhorar a sua producção, servindo-se de reproductores e methodos inglezes, esses methodos, tornados excessivos, falsearam o resultado e a raça diminuiu de valor.

Os conselhos e esforços dos mais previdentes, de nada serviram; esqueceram-se as sãs doutrinas, a instituição deu logar a um jogo louco, e a pureza da raça foi insensivel mas universalmente atacada na sua fórma, nos seus meritos, na sua utilidade. Os cavallos puro sangue tornaram-se impotentes para as longas provas do passado; a velocidade conservou-se, mas em prejuizo da constituição e estructura, porque quasi todos são portadores de defeitos congenitos que transmittem com desesperada exactidão.

Inverteu-se então a ordem das cousas.

Outr'ora preparavam-se cavallos para o hippodromo, hoje construem-se hippodromos para os cavallos. Mudaram-se as condições da lucta; supprimiu-se o chronometro que media a sua intensidade e era um meio comprovativo do seu valor; reduziu-se o peso do cavalleiro; diminuiram-se as distancias; emfim, com o pretexto de collocar os adversarios em igualdade de circumstancias, inventaram-se estranhas combinações, que favorecem os mediocres que abundam sempre, em prejuizo dos bons que diminuem gradualmente. Afastaram os melhores, cuja superioridade era desanimadora, e rodearam os maus de todas as precauções possiveis.

Outr'ora havia verdadeiras coudelarias, estabelecimentos em que se reuniam animaes selectos, chegando unicamente ao campo os descendentes que apresentavam em mais subido grau os caracteres typicos da raça; hoje, ha apenas cavallariças, povoadas sem escolha e cujos productos passam indistinctamente pelas mãos do *trainner*; mas é vergonhoso vel-os chegar ao *turf*, onde ganham mais dinheiro do que praticam proezas, graças aos milhões que os solicitam. Assim, a especulação do hippodromo substituiu-se á sciencia do cavallo, e más condições impostas aos corredores deram em resultado maus reproductores.

E a *velocidade?*...

A velocidade não diminuiu; achâmos 2′ 13″ a 2′ 15″ para uma distancia de 2:000 metros, e 4′ 25″ a 4′ 30″ para uma prova de 4:000 metros; distancia muito bonita na verdade, mas que, permitta-se-nos a expressão, excede os limites da exigencia e do rasoavel.

Mas ainda ha enthusiastas que não se contentam com este resultado; houve mesmo alguns que tentaram (sem que existam provas sufficientes que o demonstrem) a distancia de 1:600 metros em um minuto; excesso de velocidade em que não cremos.

Passemos a uma outra qualidade—*o fundo*.

O fundo, segundo Stonehenge, era a qualidade predominante nos primeiros corredores, pequenos, nervosos, affrontando as distancias e podendo correr successivamente durante mezes e annos, o que hoje raramente succede.

A *velocidade* e o *fundo* são duas qualidades bem apreciaveis. Reunidas no mesmo animal, em uma familia ou em uma raça cavallar bem fixa, dão-lhe sobre todas as outras uma immensa superioridade, porque são provas irrecusaveis de uma respiração bem feita, da circulação energica, da potencia muscular, do grande desenvolvimento do systema nervoso, da actividade da funcção digestiva e de perfeitas disposições mechanicas do apparelho locomotor, condições de resistencia necessarias ao cavallo como machina locomotora e como typo reproductor.

Emquanto o cavallo de corridas uniù o fundo á velocidade, foi um animal perfeitissimo.

A symetria das fórmas, a solida estructura, a duração do trabalho em uma longa serie de gerações obtidas por meio de reproductores selectos, tinham sido os creadores do fundo. Afastando-se d'estas condições essenciaes e verdadeiramente fundamentaes, diminuiram o grau de resistencia ou o poder de supportar acções violentas e persistentes. A velocidade conservou-se, mas á custa da amplidão das diversas partes constitutivas da machina. Esta tornou-se mais leve, isto é, mais fragil, mais delicada, menos resistente e cedendo mais facilmente. A symetria desappareceu, a solidez diminuiu; as taras, aggravando-se successivamente, chegaram a tornar impossivel qualquer trabalho pesado, muito prolongado.

Chegadas as cousas a este ponto não podiam subsistir as condições das antigas corridas; modificaram-nas por necessidade, tornando-as mais faceis, mais accessiveis a todos; e quando, apesar de tudo, estes meios não bastavam, recorreu-se ás combinações de que já fallámos.

J. Cunha (regente agricola).

EXTINCTO CONVENTO DE MONCHIQUE

O convento da Madre de Deus, de Monchique, freguezia, de Miragaya, na cidade do Porto, foi fundado em 1545 por D. Pedro da Cunha e D. Beatriz de Vilhena, e assentava em terreno muito accidentado entre a margem do rio Douro e a encosta sobre parte da qual se abriu a bella rua da Restauração. Era de religiosas franciscanas, contando no tempo de Agostinho Rebello da Costa não menos de 70 religiosas professas, muitas seculares, e mais de 100 serventes.

Pela extincção das ordens monasticas foi o convento encorporado nos bens nacionaes. Estiveram n'elle estabelecidos o arsenal, o deposito do trem militar e a direcção das obras da nova alfandega. Em uma das suas dependencias tambem em 1846 e 1847 houve uma pequena fabrica de moeda, creada pela junta do Porto, e onde por ordem d'esta, segundo o affirma o sr. Pinho Leal, no seu *Portugal antigo e moderno,* se cunharam 221:224 patacos, isto é réis 8:849$760, que pesavam perto de 7:200 kilogrammas!

Na parte do edificio, que estava antigamente a cargo do ministerio da guerra, do lado do sul, sobre o refeitorio, que era na verdade magnifico, sustentado sobre columnas de granito, e tão amplo, que media perto de 40 metros de comprido, e proporcionada largura, via-se um emblema bellico pintado sobre madeira, com uma legenda em latim, indicativa do destino, que se lhe dera.

A cêrca era em differentes planos, ou sucalcos, como o exigia a natureza do terreno. No recinto do edificio havia varias fontes e tanques com seus repuxos e bacias, sendo o tanque do pateo da entrada notavel pelas suas grandes dimensões. As aguas que alimentavam aquellas fontes e tanques aproveitaram-se, em parte, para a nova alfandega, para onde foram convenientemente canalisadas.

A igreja, de que ainda existem ruinas, era rica de excellente obra de talha, parte da qual foi aproveitada para a igreja de S. Mamede da Infesta, para a de S. Pedro de Miragaya, e até para a capella do hospital militar de D. Pedro V. O vasto edificio do convento foi por differentes vezes posto em praça, mas ou porque o preço da primitiva avaliação, 128:000$000 réis, se reputasse excessivo e mesmo exagerado, ou por qualquer outro motivo, o certo é que não encontrou arrematante.

Ha uns dez annos, porém, resolveu o governo mandal-o pôr novamente em praça, dividido em cinco lotes, e assim se conseguiu effectuar a venda: o producto apurado não chegou, comtudo, a 30:000$000 réis.

A nossa estampa, desenho do sr. Manuel de Macedo, gravado a primor pelo sr. Caetano Alberto da Silva, representa um portal do claustro do convento; é por sem duvida um formosissimo specimen do mais puro estylo manuelino, e pena será que desappareça como tantos outros monumentos da arte portugueza.

F. Pereira e Sousa.

EXCAVAÇÕES HISTORICAS

Devemos, e muito agradecemos, á amavel condescendencia do ex.mo conselheiro administrador geral da imprensa nacional, dr. Venancio Deslandes, o inolvidavel favor de poder inserir nas nossas columnas o começo de duas peças valiosas, cujo merecimento e importancia s. ex.a se encarregou de elucidar em

uma nota junta; peças que dizendo respeito a um revisor illustre e erudito, são como que uma homenagem que á sua memoria presta o director d'esta revista, revisor tambem, embora de todos o mais obscuro.

PRIMEIRO INEDITO[1]

Senhor. — Sebaſtiam Eſtocame portador da preſente ſoy criado do doctor Fabio, que Deus tem, o quall veo com elle e tinha lhe cargo de ſua caſa e de ſua peſſoa e de quanto tinha, que o dito doctor nom entendia em outra couſa ſe nom em ſeu ſtudo. E tinha o como a filho, e ſegundo alguns aqui dizem o Fabio dizia que o avia de fazer erdeiro na 3.ª parte de ſua fazenda. Morreo o dito doctor arrebatadamente, como já ſcrevy a V. A. Ficou eſte de todo deſbaratado e perdido ſem ter que comer nem veſtir, porque a juſtiça deitou mão por yſſo que avia. Vay elle pedir miſericordia a V. A. e parece que he rezão que ſe lhe faça, pois o dicto doctor morreo em ſerviço de V. A. e ſervio o melhor que pôde, e niſſo teve muita contradição d alguns envejoſos que deſejavam de o deitar daqui, do que elle tomou tanto nojo que, ſegundo alguns dizem, ſoy cauſa do acelleramento de ſua morte.

Deixou o dito doctor muitas obras ſcritas, e dizem que ſão d importancia. Eſte treſladou e alimpou algũas dellas e outras eſtão ainda por limpar e ſoo eſte ſabe ler ſua letra: elle dará relação de todo o que niſſo paſſa, e V. A. mandará fazer o que ouver por mais ſeu ſerviço e honra e proveito deſta univerſidade.

Ficou do dito doctor hũa livraria muito boa e nella ha alguns livros de leis que ainda nom vyerão a eſta terra e dizem que ſão d importancia: parece que eſtes ſe deviam de comprar pera a livraria da univerſidade que nom cuſtarão muito e ſerão proveitoſos.

Ao dito doctor ſe devem nas folhas paſſadas mais de mil cruzados. Eu mandei ao R.or que nom deſſe eſte dinheiro nem parte delle a peſſoa algũa ate V. A. nom ordenar o que delle ſe faça.

Eu na ora que ſoube do fallecimento do dito doctor mandei recado ao confervador que ſe foſſe a ſua caſa e mandaſſe eſcrever toda ſua fazenda, e aſy o fez. Depois diſto acudio o juiz dos orfãos a fazer o meſmo. Eſtá eſcrita per ambos. O conſervador e eu fomos de parecer que ſe nom bulliſſe com couſa algũa ate V. A. nom ordenar que ouveſſe por bem que ſe fizeſſe. O juiz dos orfãos ſegue a ordenação de ſeu officio: e porem parece que, pois o dito doctor veo a eſta univerſidade per mandado de V. A. e ſua fazenda goza dos privilegios della, que ſe deuia de ter algum boom meo no vender de ſuas couſas com que ſe aproveitaſſem o milhor que foſſe poſſivel, e yſto ſe fizeſſe pelo conſervador, que he official de V. A. e deſta univerſidade a que toquam as couſas do dito doctor, por morrer lente della e ſer eſtrangeiro e nom ter quem procure por elle milhor que a dita univerſidade a que ſervia.

A graça do Spiritu Santo ſeja com V. A. ſempre amen. De Coimbra a xx de julho de 1554. — Frey Diº de Murça.

(Sobreſcripto) Pera el Rei noſo S.or

(Arch. da Torre do Tombo, *Corp. Chron.*, parte 1, maç. 93, doc. 18.)

A CREANÇA NA OFFICINA

I

Na formidavel lucta pela existencia o homem, procurando no trabalho os meios necessarios para não ficar vencido, e reagir assim contra todas as causas que tentem dominal-o, o seu organismo molda-se e sujeita-se ás condições do meio em que vive, e nem sempre sáe victorioso d'esse combate, em que as mais das vezes empenha todas as suas forças, toda a sua energia.

A divisão do trabalho, lei de tão vastas applicações, se por um lado no desenvolvimento das industrias tem sido causa de um verdadeiro progresso, tem por outro lado contribuido para tornar mais arduos e difficultosos os meios com que o homem possa fazer face e resistir a todos os elementos que tentam aniquilal-o e submettel-o.

É por isso que, em virtude d'essa lei, a industria tem procurado utilisar o trabalho d'aquelles que, menos aptos e mais fracos, estão por esse facto, nas condições de contribuir com uma quota parte da sua actividade no exercicio de qualquer mister, que por exigir menor dispendio de força mechanica, não póde ser desempenhado proveitosa e economicamente pelos mais fortes e mais exercitados.

A industria procurou então utilisar o trabalho dos menores e das mulheres.

A creança representa hoje na fabrica um papel importante.

Se, como dizia em 1870, o engenheiro Freycinet, exprimindo uma verdade demonstrada, a maior parte das industrias ou quasi todas são insalubres. a existencia da creança na fabrica deve ser attentamente fiscalisada, regulada e dirigida, tanto mais quanto é certo que ella está nas condições organicas de poder, mais facilmente do que qualquer outro individuo, ser dominada pelas influencias deleterias do meio em que vive, compromettendo assim, caso possa reagir, a sua vida futura e a dos seus descendentes.

Se o menor não encontra a maior parte das vezes, da parte dos patrões e directores de officina, aquelle patrocinio generoso e sabio que compete áquelles que vivem dependentes do trabalho das collectividades, patrocinio derivado da justa comprehensão dos direitos e dos deveres, é certo tambem que o estado, protector *ipso facto* dos desprotegidos e dos fracos, deve intervir de um modo directo na industria particular, impondo leis especiaes, em nome da saude e da moral das creanças.

A maior parte das nações civilisadas assim o têem comprehendido, e hoje na maioria d'ellas o trabalho não só dos menores, mas tambem dos adultos é sabiamente regulado e dirigido.

Tem sido a Inglaterra quem mais attentamente, tem estudado esta questão, e hoje ali a hygiene industrial não é uma palavra vã e não constitue letra morta na lei e nos regulamentos especiaes.

Assim um regulamento bem delineado e rigorosamente posto em execução, dirige:

A extensão da protecção legal a todos os operarios trabalhando em *ateliers* fechados.

Interdicção de trabalho continuo ás creanças de idade inferior a 14 annos.

Interdicção do trabalho nocturno a todos os operarios do sexo feminino.

Obrigação de horas de repouso, de duração determinada pelas auctoridades, segundo a natureza do trabalho.

Responsabilidade dos patrões com respeito á segurança dos operarios.

Emfim, organisa caixa de soccorros medicos, re-

[1] Os dois ineditos que ora se dão á estampa encerram mui curiosas noticias ácerca de Sebastião Stochamer, nomeado por D. João III a 3 de março de 1557 revisor da imprensa da Universidade de Coimbra, nomeação revalidada por el-rei D. Sebastião em alvará de 21 de agosto d'aquelle anno. Por elles se deve rectificar o que de sua naturalidade e filiação, de certo por menos bem informado, escreveu o douto Barbosa Machado na sua *Bibliotheca*, e com elles se completa o já publicado em a Parte 1 dos *Documentos para a historia da typographia portugueza nos seculos* XVI *e* XVII.

Sebastião Stochamer servia o logar de revisor na imprensa da Universidade correndo o anno de 1560. De crer é que continuasse a servil-o nos annos seguintes. E fóra de duvida que vivia em Coimbra no anno de 1574, porque d'aquella cidade e d'este anno data a sua elegante e pulida prefação latina ao *Commentario ao evangelho de S. Lucas*, obra de D. João Soares, bispo-conde de Arganil, impressa em casa de Antonio de Mariz, impressor da Universidade.

gula a edificação de habitações operarias, e desenvolve medidas de grande alcance e de incontestavel utilidade.

A idade de admissão das creanças nas fabricas é variavel para cada paiz, assim como a duração das horas de trabalho.

De um quadro publicado no excellente livro *Hygiene industrial* do dr. Henri Napias, extrahimos as seguintes notas: Allemanha, idade de admissão 12 annos; duração do trabalho, 6 horas por dia, interrompida por uma hora de repouso para as creanças de 12 a 14 annos, e 12 horas por dia de trabalho, com o mesmo descanso para as de 14 a 16 annos.

Inglaterra: idade de admissão 10 annos. Duração do trabalho 6 a 12 horas; 6 horas para as creanças de 10 a 14 annos, e 12 horas para as de 14 a 16.

França: idade de admissão 12 annos; 12 horas de trabalho por dia interrompido por intervallos de repouso nunca inferiores a meia hora.

Na Belgica reina a liberdade de trabalho, e as mulheres e creanças não são protegidas. Como se vê por esta nota e se deduz da leitura do livro do dr. Napias, a idade de admissão ao trabalho nas fabricas, estabelecida na maior parte dos paizes industriaes é entre 10 a 12 annos.

E comprehende-se que assim seja. Até á idade de 10 annos a creança precisa de toda a somma de boas condições para que o seu organismo se desenvolva e robusteça; quanto mais novo for esse organismo maiores probabilidades terá de abreviar a sua existencia, e comprometter a sua vida futura no trabalho deleterio das officinas, absorvendo vapores irritantes e toxicos, sujeitando-se pela sua natural imprevidencia e inattenção a todos os perigos e desastres a que está exposta na proximidade das machinas e apparelhos mechanicos.

Mais compromettida ainda está a vida das raparigas no trabalho das officinas.

Mais delicada a sua organisação, approximando-se de uma idade em que a evolução sexual vae imprimir physica e moralmente uma modificação importante ao seu organismo, a rapariga precisa muito mais do que o rapaz, livrar-se da existencia em um meio prejudicial e deleterio; o seu trabalho tem de ser regulado e determinado em harmonia com o seu desenvolvimento physico e com as variadas situações em que mais tarde possa vir a achar-se durante os periodos criticos de gravidez, puerperio e lactação.

Dentro da officina o trabalho infantil deve ser rigorosamente dirigido e encaminhado.

Necessitando, por isso que mais impressionavel, de viver em um meio hygienicamente recommendado emquanto ás condições de luz, ventilação e pureza do ar, o seu trabalho mechanico deve estar em relação com a força muscular que é capaz de despender sem fadiga, durante um determinado numero de horas.

Trabalho variavel tambem com a idade da creança, com as resistencias a vencer e dependente naturalmente da sua constituição mais ou menos robusta, mais ou menos delicada.

São estas as condições que ha a attender quando se trate de regular o trabalho das creanças nas officinas, regulamentos que necessitam rigorosa fiscalisação, sem o que não passariam de letra morta e sem nenhum resultado pratico nas suas applicações e consequencias.

Não nos sobra espaço e não é esta agora a occasião de discutirmos e apreciarmos os differentes projectos de lei, que por vezes têem sido apresentados ao nosso parlamento, com o generoso e humanitario fim de regular o trabalho dos menores nas nossas fabricas; lembraremos apenas que a idéa tem encontrado fervorosos apostolos, e que dois projectos de lei até hoje têem sido apresentados á discussão no parlamento portuguez, sem que os seus auctores tivessem logrado vel-os approvados e postos em execução, como mereciam, dizendo respeito a assumptos de tão grave e séria importancia.

O primeiro projecto de lei foi apresentado ás côrtes em 8 de janeiro 1881 pelo fallecido ministro Saraiva de Carvalho, e dorme o somno eterno nos archivos da camara dos deputados.

O segundo foi apresentado em sessão de 11 de julho de 1885 pelo deputado Augusto Fuschini, e não teve as honras de discussão, apesar dos louvaveis esforços do seu auctor n'este sentido.

A riqueza de um estado não depende da sua extensão, mas sim da sua população. Quanto mais activa, intelligente e vigorosa for essa população mais florescente viverá o paiz que lhe servir de berço.

Por isso proteger a creança, educal-a, fortalecel-a é tornar mais forte, vigorosa e rica a população de amanhã.

Este papel importante cabe á hygiene executal-o. A perfeita comprehensão das suas leis e dos seus principios, a sabia execução das suas regras, a verdadeira interpretação dos seus axiomas será o remedio seguro, miraculoso, de tantos e tão variados males que opprimem a humanidade.

E se a estatua de Hygia, a deusa da saude, se elevava em Sicyone, n'um templo de Esculapio, sobre o altar, coberta de um véu, indicando ao povo que os seus segredos lhe eram occultos, a sciencia hoje profanou o templo e rasgou o véu, patenteando a deusa em toda a sua vigorosa e incorruptivel nudez, desvendando-lhe os segredos e illuminando-lhe os mysterios.

José Joyce.

BIOGRAPHIA DE JOÃO GUTENBERG

POR LAMARTINE

IV

D'esta sorte, desde o dia em que a palavra foi escripta, o genero humano, em continuo entretenimento comsigo mesmo, mau grado a distancia e a morte, operou progressos immensos e quasi ininterruptos de civilisação. Tornou-se, como Deus, presente a todos os tempos. Enriqueceu-se do passado, cultivou o presente e trabalhou para o futuro. Escreveu as suas idéas, os seus cantos, as suas historias, leis, sciencias, artes, religiões, a sua terra e o seu céu. Immobilisou, para assim dizer, as suas idéas fugitivas, e formou d'ellas os manuscriptos das instituições. A civilisação d'esta ou d'aquella região do globo compendiou-se quasi por toda a parte n'uma só manifestação — *o Livro!*

O universo não foi mais que *Biblias*. Zoroastro, Moysés, Confucio, Mahomet tiveram os seus *livros*, differentes civilisações, moralidade, legislações, philosophias, dogmas e theologia, apossando-se alternativamente do mundo, ou disputando-o entre si para o possuirem. E, todavia, o mundo pertence ao *livro* mais santo e ecumenico.

Milhares de mãos se apoderaram do caniço do egypcio, da penna do grego, do *estylo* do romano, do papyro, da casca da palmeira, do pergaminho da idade média, do papel do europeu, e se apressaram a gravar em todas as linguas a palavra, tornada objecto de fé para o espirito, de commercio para a arte, de transporte para as industrias. Os manuscriptos multiplicaram-se sobre a terra n'uma proporção incalculavel.

A China, nossa predecessora em toda a invenção, possuia apenas com uma lingua triplicadamente mais perfeita que a nossa, uma especie de *stereotypia* ou impressão, que vulgarisava entre suas numerosas populações as idéas, a moral, as leis e a religião.

Por toda a parte era a mão do homem a unica machina do espirito. A profissão dos copistas era uma das mais numerosas, distinctas e lucrativas. Os livreiros occupavam grande numero de copistas, cujos trabalhos compravam para tornar a vender, fazendo com isto a-la-par um beneficio ao pensamento.

Havia em Roma, e nas grandes cidades da Grecia e Asia, arruamentos privativos onde se exercia este commercio das idéas e da palavra escripta.

Os poderosos tinham escravos escolhidos, comprados por maior preço, e tratados mais familiarmente que os outros escravos, que eram exclusivamente empregados em copiar para as suas bibliothecas as obras celebres da antiguidade e de seu tempo.

O governo mantinha tambem um grande numero d'elles para os seus editos; assim como os oradores para os seus discursos. Mais tarde, no Baixo-imperio, os eunuchos, raça conjuntamente desprezivel e privilegiada, foram os encarregados de copiar em Byzancio as melhores obras da antiguidade grega, latina e hebraica.

Emfim foram os monges, copistas voluntarios, que no remanso do claustro se dedicaram a esta multiplicação da palavra sagrada ou da palavra profana, copiando e reproduzindo de uma vez infinidade de exemplares da Biblia, do Evangelho, e dos auctores illustrados da antiguidade, na renascença das letras. Como os escravos e os eunuchos, os monges, domiciliados, sustentados e vestidos gratuitamente nos mosteiros instituidos e dotados pela munificiencia dos reis, dos feudatarios ou dos fieis, podiam dar, por preços mui diminutos, publicidade ás obras do espirito. Não tinham necessidade de remuneração, por isso que a sua ordem religiosa, enriquecida do patrimonios e dos seus bens, os provia de tudo que lhes era necessario.

Dentro de pouco estes manuscriptos, occupação das horas vagas para os monges, profissão manual e commercial para os escreventes e outros seculares, se tornaram um objecto de arte, que produziu obras primorosas de paciencia, calligraphia, miniatura, desenho á penna, e colorido a pincel. A arte typographica, qualquer que seja o aperfeiçoamento que tenha recebido presentemente pelos Didot, Bodoni, Bentley, e todos os grandes mestres da typographia, não tem ainda igualado, nem talvez chegue a igualar, alguns d'aquelles manuscriptos, em cujas paginas, como nos templos de Jerusalem, Roma ou Colonia, se empregaram milhares de mãos, e se consumiram successivamente vidas inteiras de religiosos ou de artistas.

Todavia, este modo de reproduzir a palavra escripta apresentava sempre duas grandes inferioridades em relação á typographia: era vagaroso e caro; não produzia sufficientes copias para as necessidades que tinha d'ellas grande numero de leitores, podendo os ricos sómente ter bibliothecas.

Os luminares do espirito eram, pois, como que privilegio da igreja, dos principes, da côrte, emfim dos *mimosos da existencia*; não desciam ás ultimas camadas sociaes.

A cabeça da sociedade estava na luz, os pés na sombra.

Outra faculdade faltava á palavra escripta — era a rapidez. O jornalismo, que hodiernamente a transporta com a velocidade da luz, em poucas horas, e em pequeno volume, de extremo a extremo dos imperios, não existia.

A palavra era livro, nunca pagina; o seu custo não se facilitava a ponto de circular de mão em mão por todo o universo, como o obolo do dia; havia grandes vacuos e longos silencios no entretenimento do espirito humano comsigo mesmo. Os progressos da verdade, da sciencia, das letras, das artes e da politica eram lentos e suspensos por largos periodos.

(Continúa) Trad. de José Antonio Dias.

ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA LISBONENSE E ARTES CORRELATIVAS

No 1.º semestre do anno corrente têem-se inscripto na associação typographica lisbonense e artes correlativas 29 novos socios; a saber: proprietario de typographia, 1; compositores, 14; impressores, 5; fundidor, 1; lithographos, 2; aprendizes, de gravura, 1; de composição, 3; de fundição, 2.

O movimento de propostas verificado depois d'aquelle periodo, faz conceber a lisonjeira esperança de que os socios admittidos no anno actual sejam em numero muito superior ao dos annos anteriores.

É significativo este facto, e prova que no espirito dos membros da classe typographica vae, felizmente, calando o convencimento da conveniencia de se aggremiarem n'esta associação, que pela pontualidade com que ha sempre satisfeito aos seus compromissos, e pelo zêlo com que procura desempenhar a sua elevada missão, tem recebido repetidas demonstrações da consideração e da estima publicas.

A associação typographica lisbonense, que em 31 de dezembro de 1853 tinha 126 socios, contava em 30 de junho ultimo, 395.

F. Pereira e Sousa.

EXPEDIENTE

Aos nossos estimadissimos collegas que se dignaram acolher *A Imprensa* com tanta amabilidade e distincção, e áquelles que prodigalisaram louvores immerecidos ao seu director litterario, agradecemos cordialmente as lisonjeiras expressões com que o fizeram, esforçando-nos por justificar tão favorecedor conceito. A todos, pois, a expressão do nosso profundo reconhecimento, pedindo licença para agradecer tambem a troca aos seguintes jornaes: — *Aurora do Cavado, Aurora do Lima, Campino, Clamor de Almada, Conimbricense, Democracia Commercial, Districto da Guarda, Districto de Portalegre, Folha de Braga, Folha de Chaves, Jornal das Colonias, Liberal, Manuelinho de Evora, Mosca, Revista do Minho, Rosiclér, Sentinella da Fronteira, Tirocinio, Trasmontano.*

2255 — Imprensa Nacional — 1855